

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



Os mistérios do céu

Já teve caso de gente que jogou uma calota para o ar, fotografou e contou que era disco voador, mas a fraude foi descoberta (dizem que foi por causa da marca VW, mas isso eu não garanto). Teve o fotógrafo goiano que, em 1969, colou dois discos fonográficos – talvez do Odair José, quem sabe Duduca & Dalvan –, embrulhou num papelão e colou com fita crepe. E a foto saiu em tudo que era jornal da época. E agora tem essa história das luzes que piscaram sobre os gaúchos há alguns dias.

Ainda é cedo para saber se o fenômeno vai ser catalogado. Pilotos de avião garantem a veracidade, mas ninguém liga. É que as notícias da Terra andam tão surpreendentes que ninguém se assusta mais com a possibilidade de homenzinhos verdes e cabeçudos estarem nos espiando por aí. A preocupação é com o pessoal de capacete verde oliva que está sendo convocado pelos inconformados no SMU.

Já foi assunto palpitante. Há pouco mais de 35 anos, por exemplo, o país parou para discutir a invasão de óvnis em São Paulo, Goiás, Rio e Paraná, na noite de 16 de maio de 1986. Ninguém conseguia explicar como as luzes fugiam dos aviões em alta velocidade, se movimentando em



MAURENILSON FREIRE

zigue-zague. Ninguém pousou.

Brasília tem uma longa história com os óvnis. Começou com um certo Padre Raimundo que fotografou um objeto circular parado sobre a então Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. O padre sumiu e não se sabe se era história inventada, até porque nem todo padre mente. Teve também a história de dois deputados federais mineiros que avistaram uma luz muito forte de forma triangular que riscou o céu em grande

velocidade quando iam para a Granja do Ipê, de carro.

E a história do alto funcionário do então Ministério do Interior, seguido por discos voadores quando se aproximava de Brasília, viajando de automóvel. E foi aqui que o general Moacir Uchôa desenvolveu a maioria dos seus estudos sobre objetos alienígenas, garantindo que as histórias sobre abdução e contatos com humanos eram reais; ele próprio dizia ter sido contatado.

O general era um sujeito sério como todo general. Não admitia brincadeira com seus estudos e com seu arquivo de casos, que continuam sendo estudados hoje. Mas a gaiatice não resiste.

Nos anos 1970 era comum estacionar o carro no platô onde fica a Torre Digital e contar para a mocinha no banco ao lado que o objetivo do passeio era ver a aterrissagem de discos voadores, enquanto se ouvia o programa do Big Boy, na rádio Mundial,

e bebia vinho Chapinha. A alternativa era ir para onde hoje fica o Pontão do Lago Sul ver corrida de submarino. Disco ninguém viu, mas conta a lenda que daí nasceu muito menino.

De uns anos para cá diminuíram relatos e imagens sobre ETs. Ufólogos garantem que o pessoal alienígena ainda está por cima de nós. O problema é que as pessoas agora só têm olhos para o celular. Ninguém mais olha para o céu.